

Seja o crime mais perfeito,
Quando a justiça se atrasa,
Reencarnação julga o feito
E faz a cadeia em casa.

Põe na peneira do exame
Quanto pedes e obténs.
Há muitos bens que são males,
Muitos males que são bens.

Em qualquer parte onde o crime
As garras do mal empunha,
Deus guarda, sem que ele saiba,
O olhar de uma testemunha.

Silêncio é ouro — legenda
Que vale por alto escudo,
No entanto, onde o mal domina
Silêncio piora tudo.

PARTIDA DE NHÁ COTA

Sigo com o povo o enterro de Nhá Cota,
Fazendeira mandona, viúva e rica...
Tanta reza na Mata da Mumbica!...
Nunca se viu sovina tão devota.

Contava e recontava prata e nota,
Brigava por restolho de canjica...
Bebeu muito remédio de botica,
Mas morreu na tigela de compota.

Baixado o corpo à cova grande e calma,
Procuro ver Nhá Cota em véu e palma,
Subindo ao céu, na capa de ouro e renda...

Mas, só depois de muito pega-pega,
Fui encontrar Nhá Cota, surda e cega,
Agarrada no cofre da fazenda.

Grande inscrição de lembrança
 Na campa do João de Souza:
 — Afinal, aqui descansa
 Quem nunca fêz outra cousa.

Legenda na sepultura
 Do devoto Zé Pilão:
 — Morreu fazendo uma prece
 Com dois porretes na mão.

Causa e efeito — lei segura
 Que a gente enxerga de sobra.
 Mordida de cobra cura
 Com veneno de outra cobra.

Quem lhe fala, meu amigo,
 Dos tristes defeitos meus,
 Se vem conversar comigo
 Chega falando dos seus.

NO RIO DAS LAGRIMAS

No casarão do sítio da Mutuca,
 O velho pede pouso e alguém chasqueia:
 — “Saia, tratante, e durma na cadeia!
 Ponha a cabeça tonta na cumbuca!”

O mendigo cansado não retruca,
 Enfrenta a noite e a chuva... Cambaleia...
 Mais além rola o rio entregue à cheia...
 E, exposto à sombra, afoga-se Nhô Juca...

Ante a morte, o passado se desvenda...
 Sente-se outro... E' o dono da fazenda...
 Nhô Juca, leve e moço, chora e fala...

Mas, súbito, no chão molhado e frio,
 Repara o rio e vê que é o mesmo rio
 Onde afogava os velhos da senzala...